



ENCONTRO #19

JESUS: O SEU MINISTÉRIO

1. A ESPERA TERMINOU

Em Lc 3,1-2¹, o evangelista esforça-se por datar exatamente o ministério de João Batista e, através dele, o início do ministério de Jesus. A sua elaborada sincronização serve para colocar o evento do anúncio do Evangelho na estrutura da história universal e descrever a situação política da Palestina. Contudo, para os historiadores, apenas um elemento nos serve: **o décimo quinto ano de Tibério César.**

O reinado de Tibério começou em 19 de agosto de 14 d. C.; o décimo quinto ano ocorreria, no sistema romano, a 18 de agosto de 29 d.C. É mais provável que Lucas siga o calendário sírio, com o ano a começar a 1 de outubro. Nesse caso, o curto período de 19 de agosto a 30 de setembro seria reconhecido como o primeiro ano de Tibério e o décimo quinto ano do seu reinado seria de 1 de outubro de 27 d.C. a 30 de setembro de 28 d.C. Deste modo, podemos colocar o início do ministério público de Jesus, um pouco depois da inauguração da missão do Batista, por volta do ano 28 d.C.

¹ “No décimo quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia; Herodes tetrarca da Galileia; Filipe, seu irmão, tetrarca das regiões da Itureia e da Traconítide; e Lisânias tetrarca de Abilene; no tempo do sumo-sacerdócio de Anás e Caifás, a palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto”.

Uma indicação acidental de muita importância é a de Jo 2,20: **«Em quarenta e seis anos foi construído este Templo.»** Herodes começou a reconstrução do Templo no ano 20 a.C. de modo que 46 anos mais tarde significa por volta do ano 26 d.C. concordando assim com a indicação de Lc 3,1.

A partir dos Evangelhos sinóticos poder-se-ia concluir que o ministério público durou não mais do que dois anos, embora haja algumas indicações de que possa ter sido mais longo. O Quarto Evangelho distingue claramente três Páscoas, passadas por Jesus em Jerusalém, não deixando espaço a dúvidas de que o ministério de Jesus durou mais de dois anos.

O ministério de Jesus duraria apenas três anos, contudo foram anos excepcionais durante os quais partilhou o amor de Deus e preparou os doze Apóstolos para prosseguirem a sua obra. Em Jerusalém, com interesses religiosos e políticos adquiridos, a sua pregação caiu num terreno árido, mas, na Galileia, o povo era muito mais receptivo à sua mensagem: o tempo de espera tinha terminado e o reino de Deus estava próximo.

2. INÍCIO DO MINISTÉRIO DE JESUS

Jesus iniciou o seu ministério fazendo-se batizar por João, no Jordão, não que fosse pecador, mas «para cumprir a justiça», identificando-se com o género humano e indicando o caminho. Depois do Batismo, a Bíblia diz que «o Céu rasgou-se e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea, como uma pomba. E do Céu veio uma voz: “Tu és o meu Filho muito amado; em ti pus todo o meu agrado”» (Lc 3,21-22).

Posteriormente, Jesus passou quarenta dias em jejum e oração, no deserto da Judeia, onde o demónio o tentou (Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-13), procurando dissuadi-lo do seu ministério com propostas de milagres imediatos e espetaculares. Jesus, porém, sabendo que não era esse o tipo de Messias que Ele era chamado a ser, desarmou-o com as citações das Escrituras.

3. OS DISCÍPULOS

Foi só depois da execução de João Baptista que Jesus voltou para a Galileia e começou a reunir formalmente o seu grupo de discípulos, escolhendo doze, como os doze filhos de Jacob que fundaram as tribos de Israel, Jesus declarava estar a fundar um novo povo e um novo reino.

«Discípulo» significa «aluno» ou «aprendiz», alguém que se associa a um outro para aprender as suas habilidades, e Jesus chamou doze aprendizes «que pudessem estar com Ele e serem enviados a pregar com a autoridade de expulsar os demónios». A prioridade era estar com Ele; passando algum tempo com Ele haveriam de aprender a fazer o que Ele fazia. Os discípulos eram um grupo heterogéneo:

- **SIMÃO PEDRO**, «uma pessoa impulsiva», era pescador em Cafarnaum;
- **TIAGO**, filho de Zebedeu, pescador de Cafarnaum;
- **JOÃO**, pescador e irmão de Tiago (Pedro, Tiago e João eram os amigos mais íntimos de Jesus);
- **ANDRÉ**, pescador e irmão de Pedro;
- **FILIPE**, de Betsaida, na Galileia, talvez de origem grega;
- **BARTOLOMEU**, chamado também Natanael, uma pessoa leal;
- **MATEUS**, cobrador de impostos;
- **TOMÉ**, conhecido por ter duvidado da ressurreição de Jesus;
- **TIAGO**, filho de Alfeu;
- **TADEU**, conhecido também por Judas, filho de Tiago;
- **SIMÃO**, o Zelote;
- **JUDAS ISCARIOTES**, tesoureiro do grupo que ficou conhecido por ter traído Jesus.

Para além destes poucos íntimos, Jesus teve um grupo mais vasto de seguidores, algumas mulheres (coisa muito invulgar,

senão mesmo escandalosa, naqueles tempos). Algumas apoiaram economicamente o seu ministério.

4. A PREGAÇÃO DE JESUS NA GALILEIA

Jesus foi muito mais bem acolhido na Galileia, à exceção da sua cidade, Nazaré, onde por pouco o precipitavam de um desfilardeiro, na sequência do seu primeiro discurso! Naquele discurso tinha afirmado ser o libertador ungido pelo Espírito que Isaías havia prometido, e tinha dito que a salvação de Deus não era apenas para os judeus, mas também para os gentios (Lc 4, 16-30).

Acontecimentos conhecidos do Ministério de Jesus na Galileia

1. CAFARNAÚM

- Cura um possesso do demónio na sinagoga (Mc 1,21-28).
- Cura a sogra de Simão (Mc 1,29-32)
- Perdoa e cura o paralítico (Mc 2,1-12).
- Cura o servo do centurião (Mt 8,5-13).
- Ressuscita a filha de um chefe da sinagoga (Mt 9,18-26).

2. COROZIM

- Milagres não especificados, acolhidos com incredulidade (Mt 11,20-24).

3. BETSAIDA

- Dá de comer a 5000 pessoas (Lc 9,10-17).

4.e 5. MAR DA GALILEIA

- Caminha sobre as águas (Mt 14,22-33).
- Acalma a tempestade (Mt 8,23-27).

6. GÁDARA

- Manda os demónios para os porcos (Mt 8,28-34)

7. MAGDALA

- Jesus é posto à prova por fariseus e saduceus (Mt 16,1-12)

5. A MENSAGEM: O REINO DE DEUS

O tema do Reino de Deus ocupa o lugar central, ou é a ideia central, na pregação de Jesus. A expressão «O Reino de Deus» ou a equivalente «O Reino dos Céus» aparecem frequentemente nos três evangelhos sinópticos.

«Reino de Deus» lê-se nos Sinópticos 57 vezes: 14 em Mc 39 em Lc 4 em Mt. À exceção destas 4 vezes, Mt prefere empregar a expressão «O Reino dos Céus», que se encontra em Mt 32 vezes. Esta expressão equivale à primeira, mas evitando que o inefável nome de Deus seja pronunciado ou se escreva em aramaico: Não é de excluir, todavia, a hipótese de que, pela expressão «O Reino dos Céus», se quisesse sublinhar que o Reino de Deus não é um reino terrestre, mas sim um reino transcendente, que vem dos céus! Ao todo, portanto, estas expressões estão presentes nos Sinópticos 89 vezes. Curiosamente, nos restantes livros do Novo Testamento, a expressão «O Reino de Deus» é muito rara: 2 vezes em Jo 6 nos Atos dos Apóstolos, 5 nas Epístolas e Apocalipse. Em São Paulo encontra-se 4 vezes a fórmula «Reino de Deus».

Dos textos evangélicos é possível identificar características marcantes:

O REINO DE DEUS PROCLAMADO POR JESUS É DE NATUREZA TRANSCENDENTE: RELIGIOSO E ESPIRITUAL

É importante ter presente que não é da mesma natureza e da mesma esfera que os reinos políticos da história: transcende-os. É patente este sentido religioso em todo o complexo evangélico. Aos que esperavam o reino, Jesus anuncia que os tempos do Reino de Deus já chegaram agora com a sua presença (de Jesus); mas simultaneamente não aponta para quaisquer benefícios políticos, mas apenas para bens espirituais e para virtudes morais e opõe-se a tudo quanto pudesse conduzir à preparação, para si, de um reino temporal deste mundo. Aos que proclamam que ele é o Cristo [o Messias esperado],

Jesus confirma, louva, mas, se entendem essa missão num sentido material, Jesus censura os energicamente e impõe lhes silêncio. (ver Mt 16, 16-20, cf. Com Mt 16, 21-24).

Jesus afasta-se quando o querem aclamar rei; e censura asperamente a Pedro, que reagia contra a perspectiva de um Messias sofredor, pois só o concebia como triunfante: ver Mt 16, 22-27. Cf. Mc 8, 33; Lc 9, 22; Mt 17, 22-23.

O REINO DE DEUS ANUNCIADO POR JESUS TEM COMO ESSENCIAL UMA DIMENSÃO ESCATOLÓGICA: CONSUMA-SE NUMA FASE DEFINITIVA, EXTRATEMPORAL

Esta característica está na lógica da anterior. Sendo «O Reino de Deus», a sua natureza é da esfera do divino (e não do temporal); logicamente, muito embora já se inicie e desenvolva na terra e no tempo, a sua duração não se confina a esta terra: é-lhe essencial a fase de «consumação» extraterrena, extratemporal, trans histórica.

A tese enunciada tem implicações: a primeira é que o Reino de Deus não se esgota, não se completa sobre este mundo e no tempo histórico; a segunda é que a sua plena realização só se dará num outro espaço-tempo, no tempo de Deus.

Jesus expressamente ensina que Ihe é desconhecido (mesmo dele!): «Quanto àquele dia ou hora, ninguém os conhece, nem os anjos no céu, nem o Filho: só o Pai» (Mc 13, 32 = Mt 24, 36).

O REINO DE DEUS ANUNCIADO POR JESUS ESTÁ JÁ PRESENTE SOBRE A TERRA E A SUA FASE DE CRESCIMENTO DÁ-SE NO TEMPO HISTÓRICO

Ao contrário do que parece entender uma concepção excessivamente «espiritualista», o Reino de Deus anunciado por Jesus não se situa apenas na outra Vida: antes dos tempos escatológicos, ele já está presente e operante sobre no mundo.

a) Os seguidores de Jesus já têm no mundo uma missão a cumprir; devem desenvolver uma ação eficaz, como o sal da Terra, isto é, na terra (Mt 5, 13); como a luz do mundo (Mt

5,14); como o fermento até o todo ficar fermentado» (Mt 13, 33; cf. Lc 13, 21).

- b) Deverão proclamar a Boa Nova do Reino: e essa proclamação será «em todo o mundo» (Mt 26, 13. Cf. Mc 13, 8; Mc 16, 15; Act 1, 8).
- c) Não entrarão no banquete nupcial senão aqueles que adquirirem, à sua própria custa, o azeite para as lanternas (Mt 25, 9-10);
- d) Não serão capazes senão aqueles que, além dos talentos que lhes foram inicialmente confiados, ganharem outros pela sua própria iniciativa e atividade. (Mt 25,14-30).
- e) Em síntese: distinguem-se, pois, dois períodos de concretização do Reino de Deus: o tempo do crescimento, com o trabalho humano, com as tribulações e os escândalos, e as imperfeições internas; e depois, o tempo da plenitude e da glória. Ambos os períodos são essenciais à história do Reino de Deus.

O REINO DE DEUS PROCLAMADO POR JESUS É UNIVERSAL E PROPOSTO À LIVRE ESCOLHA DOS HOMENS

Não é um privilégio dos judeus.

O Reino de Deus começa na terra: e por isso «o Reino de Deus não vem com aparato: «nem se dirá: ei-lo aqui ou ali. Pois o Reino de Deus está no meio de vós (Lc 17, 20-21).

Segundo a pregação de Jesus, é proposto a livre escolha dos Homens. Nisto se distingue de toda a tradição do Antigo Testamento. Os Filhos do Reino, o Povo de Deus, os filhos de Abraão, não são constituídos pela carne e o sangue, pela herança de uma raça, um povo, mas sim pela escolha de Deus e pela livre aceitação pessoal, pela livre adesão a uma nova aliança.

O Reino de Deus é o Amor de Deus a habitar em cada um de nós.